

Desenho animado faz bem !

http://educaterra.terra.com.br/educacao/2101_desenho.htm

O que as aventuras de um coelho espertalhão ou de um pica-pau mal-humorado podem ensinar para crianças? Muita coisa e não apenas “besteiras” ou traquinagem como pensam muitos pais e educadores. Essa foi uma das conclusões obtidas por um time de 12 pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) que passou dois anos estudando qual o significado que meninos e meninas de 6 a 11 anos tiram dos desenhos animados a que assistem na tv.

O Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação (Lapic) realizou dois trabalhos distintos, mas complementares para chegar a este resultado. Primeiro foi feito um levantamento sobre os programas mais vistos pelas crianças e descobriu-se que os desenhos animados eram os favoritos absolutos desse público, apesar de assistir de telenovela a noticiário.

O próximo passo foi eleger os melhores na opinião desses telespectadores e estudá-los à exaustão para chegar aos porquês desta preferência. Com um time multidisciplinar composto por especialistas da psicologia, história, letras, cinema e comunicação foi possível analisar os conteúdos dos desenhos de maneira global e integrada.

As surpresas para os detratores dos desenhos animados começam pelos escolhidos da garotada. “Pica-pau”, “Pernalonga”, “Pateta”, “Maskara” e “Yuyu Hakusho” lideram a preferência. “Os meninos de hoje gostam basicamente do que gostavam as crianças das gerações anteriores”, diz Claudemir Viana, do Lapic, para justificar o fato de três dos cinco favoritos pertencerem ao grupo dos cartuns antigos e tradicionais.

Simbologia - O trabalho explica isso por meio dos mitos e símbolos universais muito usados nos desenhos e que não mudam ao longo do tempo. A disputa entre o bem e o mal, o forte e o fraco, pais e filhos, adultos e crianças, permeiam todas as histórias e constituem o maior atrativo dos cartuns para os garotos.

O ponto mais importante, segundo os pesquisadores, é que toda criança sabe perfeitamente distinguir fantasia de realidade. “Brincar com a realidade faz parte do desenho e isso atrai a criança porque ela também brinca para conseguir lidar com o mundo a sua volta e assim se adaptar a ele”, observa Mílada Gonçalves, psicóloga que participou do grupo de estudo.

Os desenhos teriam tomado assim o lugar dos contos de fadas. “As pessoas iam aprendendo o mundo por meio dessas histórias que usavam imagens e fatos irrealis para repassar valores da sociedade”, defende Alexandre Paza, do departamento de Letras da USP e também do Lapic. Diante disso, o desenho animado tem papel importante no desenvolvimento cognitivo da criança.

Ao assistir aos cartuns, meninos e meninas suprem o desejo de subverter a ordem. Pica-pau e Pernalonga ganham pontos aos olhos da garotada justamente porque representam o menor vencendo o maior, seja no grito, seja na esperteza. A criança se projeta como protagonista da história e se vinga de toda opressão que sente, em relação aos pais, aos professores, aos irmãos mais velhos etc.

No final das contas, o desenho também cumpre um papel importante para os pais e para a sociedade: o de preservar a ordem social. “A criança faz uma espécie de catarse durante a história e no final fica mais calma, mais serena para aceitar a realidade como ela é, resolvendo imaginariamente as questões que a angustiam”, acrescenta Alexandre.

Mediadores - A pesquisa também tirou conclusões interessantes sobre a violência nos desenhos. O “Yuyu Hakusho”, preferido pelos garotos com mais de 9 anos, costuma mostrar muitas cenas onde há derramamento de sangue e brigas. Segundo o estudo, as crianças não relacionam a pancadaria com atos violentos do dia-a-dia, mas identificam as cenas com o heroísmo e a luta entre o bem e o mal. Antes dos 8 anos, os meninos ainda não captam muito bem o enredo, mas gostam dos momentos de ação pela sensação estética do movimento e das cores. “A lição tirada pela criança é de que o bem vence o mal”, diz Claudemir Viana.

O trabalho serviu ainda para verificar a capacidade do público infantil de contar histórias e depois reelaborar em cima dos temas abordados pelos desenhos. Nesse ponto começam os problemas. Geralmente os adultos se chocam ao ouvir a narrativa de uma criança sobre um episódio onde houve agressão física na televisão, por exemplo. Daí a reação comum de muitos pais e professores de tacharem os desenhos como lixo, perdendo a oportunidade de usá-los como instrumento eficaz de formação.

“O adulto tem uma função importante de preencher as lacunas, de explicar o que a criança não entende bem”, enfatiza Márcia Marguze, do Lapic. Os especialistas aconselham conversar sempre com os filhos e alunos sobre o que assistem, trocar idéias, descobrir o que pensam das mensagens passadas pela televisão. Com isso, não se está dizendo que não se pode proibir uma criança de assistir a determinada programação. “Só ponderamos que a censura sem diálogo nunca foi educativa”, comenta Alexandre Paza.

Um dos objetivos do Lapic é justamente produzir recomendações, dicas para que os professores possam utilizar o desenho animado, a televisão e os meios de comunicação como ferramentas de trabalho dentro da sala de aula. O desenho pode servir de base para uma leitura conjunta ligando a realidade da criança a alguns elementos e símbolos do cartum, para usar as cores e a própria riqueza estética nas aulas de arte, para criar enredos novos e para reproduzir estruturas narrativas em histórias inventadas pelas crianças.

Na avaliação dos pesquisadores falta capacitação aos professores para inserir os meios de comunicação na rotina do aprendizado. Mesmo nas escolas particulares onde existem mais recursos financeiros, a mídia eletrônica e o computador não estão incorporados às rotinas de sala de aula.

Em todo o país, existem pouquíssimos centros de pesquisa que unem a comunicação e a educação e o Lapic é um dos pioneiros nessa área. O laboratório já realizou, a pedido da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, cursos de capacitação para professores da rede pública. Mas os resultados finais permanecem muito pontuais, dependendo da iniciativa isolada de algum profissional.

O gol buscado pelos pesquisadores do Lapic e grupos semelhantes está muito além da sala de aula. “Se conseguirmos criar uma postura crítica em relação ao que a mídia produz estaremos melhorando a qualidade da programação a longo prazo”, acredita Claudemir.